

INCLUSÃO NO ÂMBITO ESCOLAR: AUTISMO E EDUCAÇÃO FÍSICA

INCLUSION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: AUTISM AND PHYSICAL EDUCATION

DE OLIVEIRA, Alexandre Martins¹

LIMA, Ezequiel Pereira²

RESUMO

Este texto é resultado de uma revisão bibliográfica de trabalhos realizados a respeito de inclusão, autismo e educação, analisando diversas formas de implementar o (a) educando que tem um condicionamento de aprendizagem inferior aos demais alunos. Iremos enfatizar o (TEA), o Transtorno do espectro autista e explicaremos de uma forma baseada nas revisões de como nos informar, e saber envolver este aluno nas aulas de Educação Física, desde o ensino fundamental até o ensino médio, apontando quais suas características e como identificar este aluno, respeitando suas limitações. A Educação Física tem uma importância fundamental no desenvolvimento motor, social e cognitivo dos (as) autistas, as aulas devem ser totalmente preparadas para este público, não é aceitável improvisar, o professor precisa estar preparado para lidar com esta situação e contar com a ajuda daqueles que estão ao redor de um autista, pois o processo de inclusão é dever de todos. É entender a necessidade de cada indivíduo, respeitando seus limites, atribuindo valores e adquirindo bons resultados de acordo com Willian Stainback (2007). Ao analisar os estudos perguntamos: O que é incluir? Quando um indivíduo se sente incluído? A quem devemos atribuir a inclusão?

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Autismo. Educação Física.

Abstract

This text is the result of a literature review of studies on inclusion, autism and education, analyzing several ways of implementing (a) educating who have a lower learning conditioning than other students. We will emphasize the (ASD), autism spectrum disorder and explain in a way based on the reviews of how to inform us, and know how to involve this student in physical education classes, from elementary school to high school, pointing out its characteristics and how to identify this student, respecting its limitations. Physical Education has a fundamental importance in the motor, social and cognitive development of autistic people, classes should be fully prepared for this public, it is not acceptable to improvise, the teacher needs to be prepared to deal with this situation and count on the help of those around an autistic person, because the inclusion process is everyone's duty. It is to understand the need of each individual, respecting their limits, assigning values and acquiring good results according to Willian Stainback (2007). When analyzing the studies we ask: What is to include? When does an individual feel included? To whom should we attribute inclusion?

KEYWORDS: Inclusion. Autism. Physical Education.

¹ Acadêmico da Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Inhumas Facmais.

² Docente e orientador da Faculdade de Inhumas FacMais.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo, apresentar aos leitores formas de tratar o autismo dentro de uma instituição de ensino escolar, analisando o tema referente que é embasado em inclusão como um dos desafios que podemos notar na realidade de uma escola. A questão se resume na falta de preparação coletiva dentro desse espaço de aprendizagem, e isto acarreta diversos fatores impossibilitando os alunos que apresentam algum tipo de transtorno cognitivo ou motor, provocando dificuldade de alcance a uma educação de boa qualidade e de direito de todos e todas como é tão citada na LDB (Lei de diretrizes e bases da educação) como na Constituição Nacional.

Este processo de educação é fundamental em todas as fases da educação, pois através deste método cada aluno participa gradativamente do processo de aprendizagem. O poder da inclusão consiste em estabelecer maneiras onde o conhecimento teórico e prático alcance o maior número de alunos possíveis, independentemente de sua condição de vida seja ela cadeirante, ou com qualquer limitação que o mantém fora de diversos momentos dentro do processo ensino-aprendizagem.

O autismo estende-se em um número populacional muito alto, e a forma com que ele vem sendo tratado para alguns escritores e pesquisadores, está faltando muito para equilibrar a balança de ensino, porém existem associações que trabalham em benefícios a este grupo de pessoas. Mas, para que este problema diminua, é necessário que a escola já no ensino infantil pratique o método de inclusão, para estabelecer a igualdade a todos.

A Educação Física tem uma importância altamente construtiva no processo de desenvolvimento motor, cognitivo e social da criança que foi diagnosticada com o TEA (transtorno do espectro autista), pois ao praticar atividade física sistematizada o (a) aluno desenvolve o aparelho locomotor, o cognitivo e o social que envolve o aspecto de trabalhar em equipe, ajudar, ser ajudado, ou seja, envolver fisicamente e socialmente com o outro.

DESENVOLVIMENTO

Para obtermos mais conhecimentos a respeito deste tema do seguinte artigo,

nós trabalhamos com revisões de alguns textos já escritos por alguns autores que citaremos no decorrer desta pesquisa. Foi necessário um amplo estudo para que este assunto chegasse aos nossos leitores e leitoras afim de contribuir para sua busca por informação a respeito do tema.

Abordando o tema INCLUSÃO: o que é incluir?

Segundo um artigo da UNESCO (1994 p.21) A educação é uma questão de direitos humanos e os indivíduos que demonstrem algum tipo de limitação têm por direito constitucional o seu lugar dentro do recinto de aprendizagem. Ao analisar o que é inclusão, percebemos vários fatores que impossibilitam a adequação dos professores neste processo, ou melhor dizendo, este método de mediar o conhecimento. Para melhor entendermos o que é inclusão, é necessário que se entenda onde ela é pautada, em outras palavras, onde ela melhor se identifica, para podermos melhor colocar em prática.

Desde a década de 1990, pesquisadores como Maura Corcini e Eli Henn (2013), vem nos mostrando que o processo de globalização que veio com o propósito de incluir, segundo também Susan Staiback (2007) somente exclui (pessoas, países e regiões). Assunto encontrado e discutido no livro: *As transformações técnico-científica, econômicas e políticas* se referindo às pessoas está se referindo também as condições escolares.

Identificamos um grande número de profissionais da área da educação que carregam com eles, uma grande fraqueza que é muitas vezes negligenciarmos o ensino de qualidade igual para todos. Ao realizar uma pesquisa podemos perceber que mais de 30% dos professores relataram que o problema maior é a falta de estrutura da escola para comportar alunos com uma deficiência como o autismo, ou seja, falta conhecimento do diretor ou coordenador pedagógico para integrar estes na instituição escolar, outros 25% disseram que os alunos com TEA precisam de um acompanhamento especializado, consistindo em oferecer aos pais clínicas de tratamento para um melhor desempenho do aluno socialmente, outros 20% disseram não ter conhecimento ligados a primeiros socorros ou até medicinais para atuar com este público, como se isto fosse realmente o caso principal, o restante 25% relataram que ao trabalhar com alunos com o TEA dentro da sala de aula pode prejudicar o ensino dos outros alunos. Ao fim desta entrevista, notamos uma grande deficiência

profissional no mercado de trabalho nos tempos atuais, em relação à educação de qualidade.

O processo de inclusão é dever de todos, entender a necessidade de cada indivíduo, respeitando seus limites, atribuindo valores e adquirindo bons resultados. Para Willian Stainback (2007 pg.21) existem componentes básicos e práticos no ensino inclusivo: o primeiro deles é a rede de apoio, todos os grupos organizacionais que trabalham no âmbito escolar e social, pois cada um exerce uma função pré-estabelecida de grande importância no processo educacional, que apoiam uns aos outros através de conexões formais e informais, este processo é bem-sucedido, pois engloba três grupos de serviços: um baseado na escola que estabiliza a base educativa, grupo de serviços comunitários que preenche e da assistência a comunidade em que a escola disponibiliza o ensino gratuito ou privado. Todos estes grupos têm deveres e benefícios, sua principal função é capacitar o pessoal e os alunos. O segundo é a conduta cooperativa e o trabalho em equipe, envolvendo indivíduos de várias finalidades e especializações trabalhando juntos, criando programas e atividades inclusivas para todos. O terceiro é a aprendizagem cooperativa, segundo o autor, o componente do ensino que está relacionado a sala de aula e o grupo de alunos com necessidades, especiais se habilitem e alcancem o seu potencial de aprendizagem. O trabalho em equipe tem como finalidade o sucesso, pois bem, isto nem sempre é o que acontece, por que muitas vezes falta conhecimento aprofundado em determinada área de trabalho, para que este sucesso possa ser o resultado final. Porém, se cada componente se preparar adequadamente, com estudos dirigidos de boa qualidade podemos sim conseguir praticar a inclusão em qualquer ambiente de trabalho seja ele educacional ou não, e como consequência de um bom trabalho em equipe o sucesso passa a ser algo garantido.

O que é o TEA?

Para muitas pessoas que não tem um conhecimento mais amplo sobre o TEA, olham para este problema como uma doença crônica. Pois bem, não se trata desta definição. Segundo literatura científica, o transtorno do espectro autista (TEA) consiste em uma síndrome ou um transtorno do desenvolvimento.

De acordo com Evelyn Vinocur (2005), psiquiatra e mestre em neuropsiquiatria pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e psicoterapeuta cognitivo

comportamental, especializada em Saúde Mental da Infância e Adolescência pela Santa Casa de Misericórdia do Estado do Rio de Janeiro (SCMRJ) e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), membro associado da Associação Brasileira de Psiquiatria (CRM-RJ: 303514), “**transtorno do espectro autista** (TEA) é um grupo de distúrbios do desenvolvimento neurológico de início precoce, caracterizado por comprometimento das habilidades sociais e de comunicação além de comportamentos estereotipados”.

O fenótipo dos pacientes com TEA pode variar muito, afetando componentes principais do desenvolvimento humano que são aspectos sociais, cognitivos, motores e comportamentais. Segundo alguns registros científicos por exemplo o autor Pilar Sanches-Lopes, relata que as causas ainda não foram comprovadas para todos os que desenvolvem o TEA. Pode se considerar fatos biológicos ambientais ou até por medicamentos na gravidez. Mas são somente hipóteses pois as causas ainda são desconhecidas.

O desenvolvimento motor ocorre em todas as etapas e fases da vida humana desde a primeira fase do bebê até a fase adulta. Autores como Gallahue (2005) definem o desenvolvimento motor da seguinte forma: “[...] este processo caracteriza-se por uma alteração contínua no aparelho motor durante diversos estágios da vida que vão da fase infantil até a fase adulta [...]”. Gabbard (2004) relata que o desenvolvimento motor constitui um processo de mudanças e aprimoramentos no movimento humano através da interação entre componentes genéticos e culturais. E estes desenvolvimentos passam por várias etapas.

A primeira é a fase motora reflexa que segundo Gallahue (2005) são os primeiros reflexos produzidos pelo bebê, por exemplo, ao sorrir de volta para a mãe, fechar a mão ao ser tocado ou o pé ou qualquer som produzido pelo recém-nascido são movimentos involuntários, e através destes reflexos ele passa a conhecer o ambiente em sua volta.

A segunda são os movimentos rudimentares que apresentam os primeiros movimentos voluntários, que segundo a literatura são os primeiros movimentos que a criança produz e pode ocorrer por volta dos dois anos de idade. Por exemplo: arrastar, engatinhar, caminhar, agachar, puxar alguma coisa entre outros.

A fase do desenvolvimento fundamental é uma das mais importantes do desenvolvimento, pois é nesta fase que as crianças fazem movimentos estabilizadores, locomotores e manipulativos, esta fase apresenta na primeira infância

um período que vai dos três aos seis anos de idade. Por fim, a fase de movimentos especializados, ou seja, neste período ocorre o aperfeiçoamento das habilidades motoras desenvolvidas nas fases anteriores que são, por exemplo: nadar, andar de bicicleta ou praticar um esporte.

Já as crianças com TEA apresentam grandes dificuldades em todas essas fases, portanto aqui consideramos a importância da área da Educação Física com uma visão desenvolvimentista que pode melhorar a vida de uma criança autista. A Educação Física desenvolvimentista envolve: crescimento e desenvolvimento físico; desenvolvimento fisiológico; desenvolvimento motor; desenvolvimento cognitivo; desenvolvimento afetivo social; habilidade motora; aprendizagem motora. Esta tendência desenvolvimentista apresenta uma proposta onde o (a) aluno aprende e se desenvolve utilizando o meio social e o ambiente onde ele está engajado.

As crianças que apresentam dificuldades por exemplo nas atividades de lateralidade e orientação espacial, que são fatores importantes para a aprendizagem, devem ser estimuladas ao desenvolvimento motor, além de melhorar aspectos afetivos e sociais. Mesquita (2015), mostra os efeitos da atividade física adaptada no perfil psicomotor de uma criança com espectro autista. No seu estudo uma criança de quatro anos participou de aulas de psicomotricidades durante sete meses, três vezes por semana com duração de quarenta minutos por aula, e após essa intervenção foi possível notar uma melhora significativa e considerada normal para sua idade. Outro estudo realizado por Pan (2012), dezesseis alunos diagnosticados com autismo participaram de programas e atividades aquáticas durante dez semanas e como resultados, foi observado uma melhora bastante significativa na prática das atividades desenvolvidas durante as aulas, melhorando também o comportamento social entre os alunos.

Outra pesquisa relevante nesta área, feita por Souza (2012), ao entrevistar onze pais e amigos próximos a crianças com TEA, sete ou 63% afirmaram ter tido melhora razoável nos movimentos estereotipados de seus filhos ou amigos, oito ou 72% disseram ter notado muita mudança na agressividade, 10 ou 91% afirmaram conseguir se comunicar melhor com seus filhos e outros 91% notaram um comportamento mais carinhoso de seus filhos.

Ao nos depararmos com uma realidade educacional, que pode surgir exclusão principalmente de crianças que carregam uma limitação, podemos perceber a falta de preparação dos profissionais que nos rodeiam, esta forma desenvolvimentista no

ambiente escolar que é a nossa pauta para desenvolver os aspectos sociais, motores e cognitivos de uma criança com TEA, abre vários caminhos para percorrermos em busca da inclusão. Em consonância com Gallahue (1996), as crianças também aprendem através do movimento corporal. Para elas, o movimento é um veículo para a exploração de tudo o que esteja ao seu redor (exploração de seu mundo) em outras palavras, participar das aulas de Educação Física pode melhorar o desenvolvimento integral de um autista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de sabermos lidar com qualquer pessoa que tenha uma limitação dentro de uma unidade de ensino, precisamos saber incluir, para que o (a) aluno não se depare com situações aterrorizantes de abuso, bullying, ou quaisquer outras atitudes antissociais que venham de outra pessoa em virtude de algum problema, ou limitação que esta pessoa tenha. Cabe a equipe pedagógica e principalmente ao professor se preparar para lidar e resolver situações como estas. A inclusão envolve um aglomerado de pessoas que trabalham em união para melhor instruir o aluno que tenha algum tipo de limitação para que possa adquirir conhecimentos da mesma forma que os outros.

Saber incluir é a base para boa conduta profissional, respeitando cada limite, e fragilidade do aluno porque através da inclusão podemos mudar a postura da sociedade, entrelaçando o conhecimento ao aluno que é socialmente visto como uma pessoa que é restrita à escola. Através do ato de incluir, o (a) professor pode atribuir valores a este educando, dando a ele o poder da autonomia dentro de sua limitação, pois todos somos capazes de superar nossas necessidades.

Os estudos a respeito do TEA demonstram uma contribuição muito importante para melhorar as condições motoras, afetivas e sociais. Ao se praticar Educação Física dentro de uma instituição de ensino, deste modo, podemos notar que a característica desenvolvimentista citada por Gallahue, tende a facilitar o ensino da Educação Física para os alunos com TEA, e então podemos concluir que, atividade física bem elaborada por um profissional bem qualificado sempre respeitando os limites de cada aluno, pode auxiliar no desenvolvimento de crianças e jovens com autismo.

Quando a criança pratica atividade física planejada se envolve com o mundo ao seu redor e isto facilita o seu desenvolvimento, brincando e se exercitando. O aluno

e a aluna que tem a síndrome do espectro autista apresentam maneiras diferentes de se envolver com o ambiente ao seu redor. Portanto, é importante estimular todas as pessoas que estão envolvidas no cotidiano de um autista a praticar atividades motoras diversas para melhora do comportamento social motor e afetivo dos envolvidos.

REFERÊNCIAS

BACAROLLO, M.F RIBEIRO, V. PANHOCA. **O brincar de uma criança autista sob o ótico de perspectiva histórico-cultural**, 2012.

GALLAHUE, D.L **Compreendo o desenvolvimento motor**. 2005.

MESQUITA, H. SERRANO. **O efeito da atividade física adaptada no perfil psicomotor de uma criança com espectro de autismo**. Revista de Ciências, 2015.

PAN, C.V. **Os efeitos do exercício físico e programas aquáticos**, 2010.

SOUZA, G. L. FACHADA, R. **As atividades físicas para crianças autistas reconstruindo a base- familiar**, 2012.

PILAR SANCHEZ-LOPEZ. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**, 2012.

DSM-V, American Psychiatric Association (traduzido). **Manual de Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais**. 5ªed. Edit. Artes Médicas.

